

**ACTUALIDADE E FUTURO**



## A RENOVAÇÃO DAS ARQUITECTURAS DE TERRA

Jean DETHIER

### 1. Modernização dos Sistemas Tradicionais de Construção

A ideia de modernizar os sistemas tradicionais de construção em terra crua - de os adaptar a novas exigências de racionalidade, de conceber arquitecturas que conciliem os recursos da ciência e desta matéria-prima natural - surgiu em França na época da Revolução, há já dois séculos.

François Cointereaux, nascido em Lyon em 1740, foi o primeiro arquitecto dos tempos modernos a consagrarr a sua vida e obra a esta ambição. Teve uma influência internacional considerável. Milhares de edifícios de vocação pública ou doméstica, foram erguidos segundo os seus princípios. Sob a influência deste construtor francês visionário, as arquitecturas de terra encetaram uma transformação que visava a sua adaptação às primeiras exigências da era industrial (Figs. 43, 44).

No início do século XX, a utilização dos materiais naturais e locais desaparece rapidamente em favor do aço, do betão e do tijolo cozido. Mas quando faltam estes materiais para utilizações civis (como por exemplo durante a Segunda Guerra Mundial), a construção em terra crua reaparece como uma alternativa lógica e económica, tanto na Alemanha como nos Estados Unidos e em França; por exemplo, sob a égide do célebre arquitecto Le Corbusier.

No contexto da economia colonial, a construção moderna em terra será objecto de experiências decisivas para reduzir os custos de construção ou para tentar adaptações aos contextos locais. Na Argélia, a França promove em 1947 a edificação em terra do hospital regional de

Adrar. Constitui um marco arquitectónico que prova a fiabilidade deste material quando é utilizado de modo moderno, criativo e apropriado. Na mesma época, no Egipto, o arquitecto Hassan Fathy (1900-1989) enceta uma cruzada em favor da reactualização no Terceiro Mundo da construção em terra crua à qual vota o seu talento que será universalmente reconhecido. Participa também, juntamente com outros, na invenção de uma nova linguagem e de uma nova ética para a arquitectura.

A partir da crise energética de 1973, assiste-se nos Estados Unidos a uma primeira reactualização em grande escala da construção em terra crua para edificar milhares de vivendas de luxo. Desde há cerca de 20 anos, na Califórnia e no Novo México, é um sinal de alto nível de vida construir casa própria em "adobe". Este fenómeno acarretou e renascimento de uma actividade económica regional específica e activa (Figs. 45, 50).

Na Europa de Leste, sobretudo na Alemanha, construiram-se em vinte anos, a partir de 1945, mais de 300 000 habitações em terra crua.

A partir dos anos 60 na Europa Ocidental, foram numerosos os arquitectos e engenheiros que adquiriram sólida experiência e forte motivação neste domínio, no decurso das suas acções de cooperação técnica no Terceiro Mundo. Uma vez regressados à Europa, estes práticos extrapolaram os conhecimentos adquiridos nos seus próprios países, sobretudo em França. É, com efeito, em Grenoble que se fixa em 1979 a primeira equipa pluri-disciplinar e europeia: o grupo CRATerre. Estabelecido no seio da Escola de Arquitectura e da Universidade, este grupo não tem fins lucrativos mas sim ambições científicas e pedagógicas, culturais e operacionais. É a primeira vez no século XX que se reúne, numa mesma entidade, um conjunto articulado de pesquisa, de formação e de aplicações com um programa de acção a longo prazo e uma ampla abertura ao mundo.

Assim, a França que, desde o século XVIII, desempenhou um papel pioneiro e influente na modernização das arquitecturas de terra, é de novo considerada no estrangeiro como um país de ponta na reactualização destas tecnologias de construção (Figs. 46 e 49) e na sua adaptação às novas e específicas necessidades tanto dos países desenvolvidos como dos países em vias de desenvolvimento.

## 2. Seis realizações piloto recentes

Com base nos conhecimentos adquiridos através das pesquisas científicas, o grupo CRATerre assegurou, durante os anos 80, estudos relativos a numerosas operações em terra crua em mais de 30 países. Actuou como conselheiro técnico e económico para empresas, promotores ou industriais, governos ou instituições internacionais na dependência da

Organização das Nações Unidas<sup>1</sup> ou do Banco Mundial. Por vezes, concebeu também a estratégia global da realização de grandes operações, sobretudo nos casos em que as condições locais eram particularmente complexas, difíceis ou inéditas. O CRATerre tem, de facto, uma habilidade especial para ultrapassar os desafios, contrapondo-lhes uma fonte de criatividade e de inovação. De entre as suas intervenções no terreno, recordamos seis realizações significativas da renovação em curso:

1. A partir de 1983, o CRATerre participou, por iniciativa do Centro Pompidou, na construção em terra crua de um bairro experimental de habitação social - o "Domínio da Terra" - na cidade nova de L'Isle d'Abeau, perto de Lyon. Agrupadas em edifícios de 3 a 5 andares, 63 habitações foram construídas com três técnicas modernas distintas. Esta operação, então única no seu género na Europa, revelou-se muito positiva e suscitou um considerável interesse em França e no estrangeiro. Os resultados técnicos e económicos registados e as economias de energia constatadas permitem fazer um balanço positivo. Dado o entusiasmo com que habitantes e autarcas receberam esta realização piloto no plano arquitectónico e ecológico, está prevista a sua renovação em maior escala, durante os anos 90, nesta mesma cidade nova.
2. No campus de Grenoble, o CRATerre e a universidade construiram em 1987, um edifício experimental cujo fim era provar a fiabilidade e a rapidez de execução das técnicas modernas de construção em terra crua. Todas as paredes e coberturas, em forma de cúpulas, foram construídas apenas em 24 horas, ou seja, em três dias de trabalho (Fig. 48). Tem de se ver esta nova economia de tempo num estaleiro independentemente do carácter económico do material. Trata-se de uma etapa útil no progresso do material. Trata-se de uma etapa útil no progresso das práticas ligadas a esta tecnologia.
3. Outro protótipo arquitectónico - a "Casa do futuro" - foi construído em tamanho real e apresentado em 1988, no quadro de um salão europeu da habitação organizado na "Cidade das Ciências e da Indústria" de La Villette.
4. O mais vasto programa de construção económica em terra crua conhecido no mundo foi empreendido durante os anos 80 na ilha de Mayotte no Sudeste de África. Em 1990, é de cinco mil o número de habitações destinadas à satisfação de uma população cujos rendimentos se encontram entre os mais baixos do mundo. Era, pois, necessário inovar para construir a preços excepcionalmente baixos e, por isso também,

---

1 ONU, UNESCO, ICCROM, BIT, ONUDI, PNUD, UNCNS-Habitat, etc ...

renunciar a importar materiais do estrangeiro, utilizando unicamente recursos locais. Foi o grupo CRATerre que elaborou a estratégia, as infra-estruturas da "Fillière Terre" e superintendeu a esse vasto estaleiro piloto<sup>2</sup>. Os resultados são considerados exemplares por numerosos peritos.

5. Num dos países mais desprovidos de recursos de toda a África, pôs-se o problema de construir escolas rurais unicamente com os meios disponíveis localmente e a custos necessariamente duas vezes mais baixos do que o mínimo já praticado. É este um dos vários desafios - técnicos e éticos - que o Terceiro Mundo lança para tentar evitar o despovoamento dos campos e o êxodo das povoações para os bairros de lata das metrópoles tentaculares. O Ministério da Educação tinha que resolver - com o apoio do Banco Mundial - este problema para construir 2 000 salas de aula até 1996. Todas as técnicas de construção se mostraram impotentes para responder a este pedido de ofertas, a este apelo de miséria, excepto uma: a terra crua, utilizada segundo as técnicas tradicionais, melhoradas pelos peritos do grupo CRATerre. Em 1989, foi-lhe confiado este projeto sem precedentes e imbuído de esperança (Fig. 47).

6. Num dos mais ricos países do Terceiro Mundo, no Médio-Oriente, as autoridades tomaram recentemente consciência dos perigos que pode representar a perda de uma identidade cultural nacional, consequência da adopção maciça de técnicas, materiais e princípios de construção segundo o modelo ocidental, o que implica uma espécie de abandono da soberania nacional em muitos aspectos práticos e morais. O grupo CRATerre foi aí chamado em 1988 para propôr alternativas arquitectónicas destinadas a conciliar os valores da racionalidade moderna com os das tradições regionais que, ainda há 40 anos, eram ilustrados corrente e brilhantemente em terra crua tanto nas aldeias como nas cidades. O conjunto arquitectónico com vocação cultural assim edificado na capital ilustrou concretamente uma alternativa que foi muito bem recebida.

### 3. Um grande projecto para as arquitecturas de terra

Os anos 80 constituíram uma década decisiva para o desenvolvimento de novos conhecimentos e práticas que permitem assegurar tanto o domínio da construção económica em terra crua como a fiabilidade e o interesse das arquitecturas modernas que dela resultam. Nunca no século XX as vantagens desta tecnologia económica, não devoradora de energia e, portanto, limpa e respeitadora do ambiente, foram tão claramente perceptíveis, tão concretamente demonstradas por

---

2 Em colaboração com a SIM e a Direcção do Equipamento.

operações piloto. A prová-lo, temos estes resultados que contribuiram para ampliar a sua procura tanto nos países favorecidos como nos desfavorecidos. Há igualmente doravante entidades competentes reconhecidas, e a França adquiriu neste domínio um lugar privilegiado na cena internacional. Mas é muito o que há a fazer durante os anos 90 para que estas vantagens sejam verdadeiramente valorizadas e tomadas em conta, nomeadamente pelas autoridades francesas e europeias, a fim de que seja posta em execução uma estratégia global a longo prazo que permita tirar partido deste contexto favorável. Foi para assumir as condições óptimas deste desenvolvimento que vários parceiros conceberam a criação em França, à volta do grupo CRATerre, de um polo que possa reforçar e ampliar a gama de acções essenciais que iniciou com sucesso há já mais de dez anos. A sua localização foi prevista para o coração da Europa, na região mais densamente provida em termos de especialistas e de património antigo e moderno: na região Rhône-Alpes - perto de Lyon, em Villefontaine - no centro da cidade nova de L'Isle d'Abeau. Os seus autarcas e responsáveis estão convictos do interesse desta iniciativa dado que, desde 1983, vêm medindo a sua dimensão e impacto, regional e internacional, com a construção do "Domínio da Terra" que foi então celebrado como uma "estreia". Foi para manter o avanço cultural e técnico assim adquirido que eles desejaram consagrar um dos mais belos sítios da povoação à realização de um grande projeto simultaneamente arquitectónico e urbano que é a mais eloquente demonstração da capacidade de a França construir em terra um novo bairro habitacional que terá como *pivot* um Instituto da Terra de género inédito. Este desenvolve-se em dois polos. Um, cultural, destinado ao público, comporta uma mediateca e um museu. Apresenta um panorama vivo e internacional do património arqueológico, histórico e contemporâneo; revela a diversidade e a qualidade das arquitecturas e cidades edificadas em terra. Pode ser concebido e realizado com a colaboração do Centro Pompidou (CCI) que tem desempenhado, desde 1981, junto do CRATerre, um papel essencial na promoção cultural das arquitecturas de terra e na sensibilização de L'Isle d'Abeau para o arranque das primeiras acções piloto.

O outro pólo, destinado aos profissionais, vem reforçar e desmultiplicar as acções do CRATerre: tanto em matéria de pesquisa científica e tecnológica como no ensino pós-universitário e em diversos ciclos de formação. Os edifícios que acolhem estas funções complementares (estimados em 5 000 m<sup>2</sup> e em 60 milhões de francos franceses, incluindo o equipamento interno) e o bairro habitacional que os rodeia devem ser, em 1991, objecto de um concurso de arquitectura e de urbanismo a fim de assegurar à operação global a qualidade demonstrativa que merece.

Terá este conjunto qualidade para ampliar a série dos "grandes projectos" de arquitectura do Presidente da República? Enriquece-la-ia com vocações complementares em relação às que aí já se encontram de algum modo expressas:

- cooperação cultural e científica entre o Terceiro Mundo e a Europa;
- consideração de objectivos ecológicos e de protecção do ambiente;
- formação de arquitectos e profissionais numa arte de construir que propõe novos equilíbrios;
- aplicação de soluções económicas e auto-suficientes na resolução do problema da habitação e da urbanização nos países desfavorecidos que passam pela redução da sua dependência externa (energética, tecnológica e financeira) e, consequentemente, do seu endividamento;
- abertura ao público de um museu de arquitectura ...

Um programa deste género possui os ingredientes necessários para se tornar num símbolo de humanismo e de esperança que lhe permitirá uma melhor abordagem das diversas vantagens e desafios da nossa civilização urbana.

## CONSTRUIR EM TERRA EM PORTUGAL: REALIDADE-UTOPIA-REALIDADE

José Alberto ALEGRIA

### 1. Amores e desamores

Esta reflexão colectiva sobre a Actualidade e o Futuro das Arquitecturas de Terra conduz-nos a uma realidade ambivalente:

- numa vertente: os avanços realizados nos últimos anos, a importância dos apoios nestes percursos (neo)pioneiros, os prazeres imensos do trabalho de pesquisa e de (re)criação da Obra,
- na outra vertente: as desilusões de um percurso difícil, lento e muito trabalhoso e as dúvidas metódicas de uma actividade que é sempre (tanto na concepção como na concretização) marcada pela experimentação permanente.

### 2. Princípios fundamentais

Daquilo que fomos realizando até ao presente podemos extrair alguns princípios/regras que assumimos com convicção:

1. A importância da Tradição - necessidade de um estudo permanente do Património Construído de cada Região e dos testemunhos vivos dos homens.
2. A coesão do Projecto - na origem da Obra, a imperatividade de um projecto arquitectónico onde o rigor dos traçados cumpra o geometrismo eterno (helénico e islâmico) que garanta coesão e unidade à edificação.

3. O rigor da Execução - a importância da selecção dos materiais e das técnicas visando a utilização mui sábia dos materiais de base. Também a importância de reapprender o gesto do artífice.
4. As limitações do Mercado - a consciência clara das limitações psicológicas e financeiras muito reais de um mercado ainda frágil. Daí, a necessidade de acções mediáticas e também da exemplaridade das obras que se realizam.
5. A filosofia da Limitação - num mundo onde a escassez e a relatividade dos elementos devem ser assumidas com frontalidade, as Arquitecturas de Terra devem valorizar pela positiva essas limitações:
  - a limitação do Homem perante o Universo;
  - a limitação da terra enquanto material constructivo com debilidades evidentes;
  - a limitação da dimensão humana, procurando fornecer um habitat e enquadramentos urbanos com formas e escalas adequadas àquela dimensão.

### 3. Conclusões

Permitimo-nos salientar, não só do nosso trabalho pessoal como também destes dias de diálogo tão enriquecedor, três aspectos fundamentais para o Futuro das Arquitecturas de Terra em Portugal.

1. Da viabilidade do Futuro - que, como sempre, temos nas mãos e é tarefa que depende fundamentalmente das nossas acções. No domínio das Arquitecturas de Terra, esse Futuro e o seu Modernismo passam forçosamente pela evolução enraizada nos princípios clássicos do Património existente.
2. Da Paixão e dos Amigos - construir em terra é fazer uma Obra Solidária, daí a importância dos Amigos que nos ajudam a alimentar a Paixão: o exemplo de Jean Dethier que nos endereçou palavras de encorajamento no início do nosso percurso, o exemplo de Elie Mouyal, nosso Mestre de sempre, o exemplo dos Maâlems e de todos quantos têm participado desta caminhada.
3. Do ser Artesão da Terra - gostamos de crer que a terra (princípio e fim de tudo) deverá ser um instrumento de libertação da Terra. Por isso, a nossa criação, no domínio da Arquitectura de Terra, é assumida na plenitude de uma missão que tende a Humanizar a(s) Terra(s).

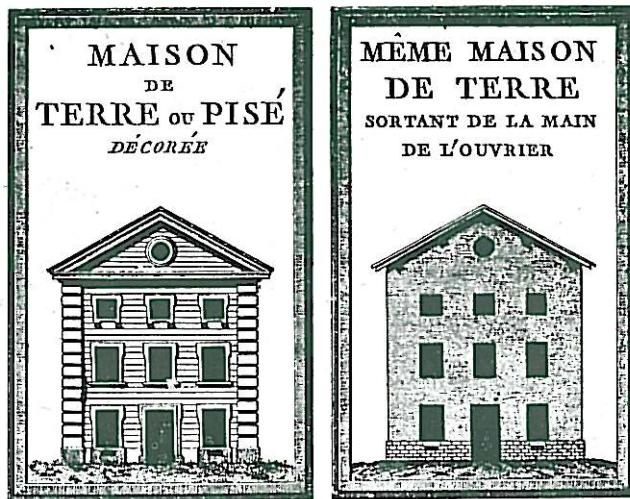


Fig. 43 - Ilustrações extraídas do Tratado sobre a construção em terra publicado em 1787 em Paris por François Cointeraux.



Fig. 44 - Maqueta de uma casa em Lião. Segundo os esquisso realizados por F. Cointeraux nos inícios do séc. XIX.

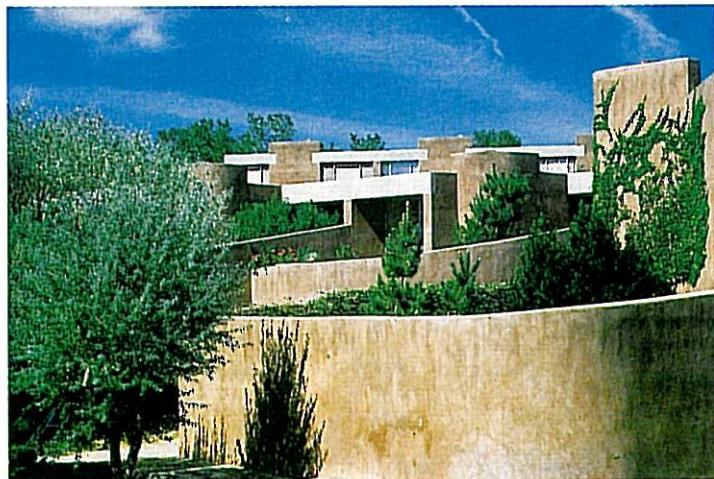


Fig. 45 - Bairro residencial luxuoso projectado pelo Arquitecto Predock nos anos 70.



Fig. 46 - Residência de férias, renovando a tradição, cerca de 1985.

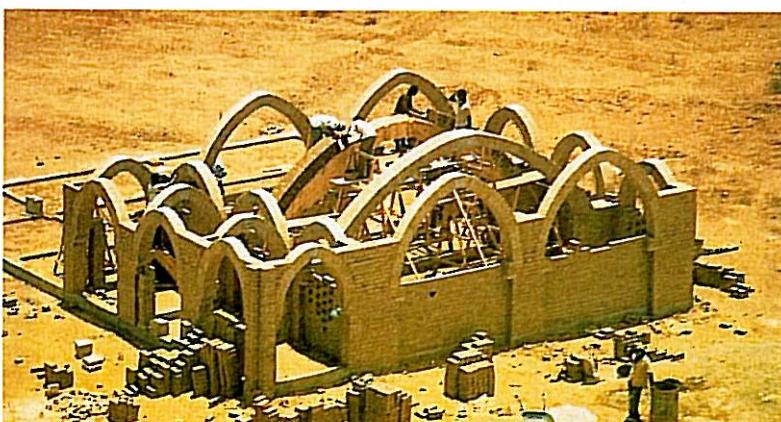


Fig. 47 - Estaleiro-escola experimental. Construção de uma escola ultra-económica realizada em 1989, em África, pelo Grupo CRATerre.



Fig. 48 - Construção experimental realizada em 24 horas no campus da Universidade de Grenoble. CRATerre, 1987.

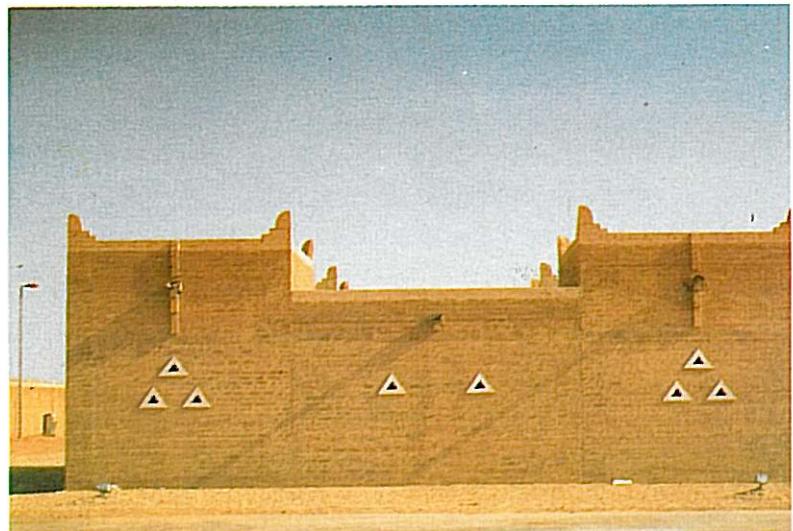


Fig. 49 - Pavilhão de exposições edificado em 1988 em colaboração com CRATerre num dos países mais ricos do Médio-Oriente.

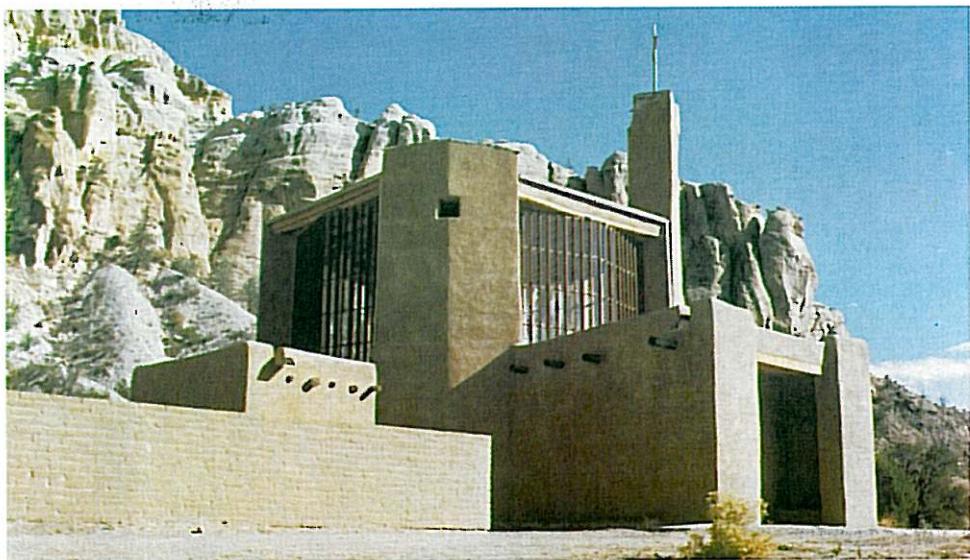


Fig. 50 - Mosteiro construído nos anos 70 no Novo México. O projecto, de G. Yakashima ,é um excelente exemplo da renovação estética da tradição milenária da arquitectura de terra crua.

## CONCLUSÕES

Mesdames, Messieurs

Avant les commentaires que vous attendez de moi, je tiens à remercier l'Alliance Française de Coimbra et son Directeur d'avoir organisé ce séminaire sur les architectures de terre.

Merci aussi à la Directrice de ce Musée et de ce lieu que je trouve très sympathique et très chaleureux, de nous avoir accueillis dans un cadre aussi plaisant, et avec tout le charme et toute l'efficacité de ce Musée. Je vous invite à les applaudir. Chaleureusement, merci.

Je souhaiterais que beaucoup de colloques soient aussi compactes, aussi efficaces et aussi chaleureux.

Plusieurs de mes collègues et notamment mon ami Alegria, m'a singulièrement simplifié le travail puisque juste avant moi, il vient de résumer presque jusqu'à la quintessence, ce qu'on peut attendre de la terre en étant à la fois optimiste et réaliste, et donc j'avais prévu des commentaires allant dans le même sens, mais je ne voudrais pas abuser de votre temps, il est déjà 19h 30, et je crois qu'il l'a dit clairement, et c'est très bien que lui-même l'ait fait comme ça.

J'avais l'intuition depuis plusieurs années qu'il y avait de grandes potentialités au Portugal, mais je n'avais jamais vraiment trouvé les filières. J'avais rencontré Alegria, mais c'était il y a cinq ans, et il n'avait pas encore commencé à construire. J'avais senti qu'il était porteur d'un enthousiasme et d'une mission.

J'ai été heureux de découvrir que le Portugal possède un patrimoine d'architecture de terre rural et urbain diversifié, à la fois antique et récent, à la fois monumental et domestique, à la fois issu de la tradition locale et témoin de son histoire complexe. Et je dois dire qu'à travers les exposés des uns et des autres, j'ai pris plaisir à voir une fois de plus qu'aucun pays ne peut être considéré de manière isolationniste, puisque les architectures des forts, des forteresses et des murailles que l'on a vus durant les exposés sont singulièrement similaires à celles que j'ai pu voir au Maroc pendant cinq ans. Pour ceux qui ne connaissent pas

encore le Maroc, je les invite chaleureusement à y aller: en effet, le Maroc est voisin du Portugal, et pour ceux qui s'intéressent à la terre, c'est non seulement un lieu de pélerinage culturel, mais c'est aussi un pays essentiel dans ce domaine. Il faut aller voir les villes impériales, les villages, en particulier dans le sud, mais aussi dans le nord, qui donnent la dimension de l'architecture en terre dans la dynamique de sa tradition mais encore dans celle de sa modernité. Le Portugal et le Maroc ont été, et continuent d'être sur ce plan précis deux pays en totale complémentarité, et croyant beaucoup personnellement au dialogue nord-sud, je me réjouis encore une fois des paroles empreintes de modestie - c'est tellement rare chez les architectes que l'on rencontre - de José Alegria quand il disait "Mon maître est marocain". C'est extraordinaire, car c'est reconnaître que le Tiers-Monde, le Maroc, le Magrheb peuvent nous apporter quelque chose, comme il l'a fait dans le passé, mais de manière différente.

J'ai été aussi très ému tout à l'heure quand l'un d'entre vous a montré des voûtes en construction dans une ville ou un village, et que j'y ai reconnu, - personne ne l'a dit mais certains y ont pensé - les célèbres voûtes construites depuis des millénaires en Libye, en Egypte, et que Assam Fati avait à sa façon réhabilitées et modernisées.

D'autre part, j'ai été sensible au fait que certain d'entre vous pour aider le patrimoine national portuguais en matière d'architecture en terre l'inscrive dans l'Europe, en évoquant des similitudes sur le plan des architectures domestiques rencontrées en Espagne et, disait-il, en France et en Allemagne.

Donc un patrimoine riche et en même temps un patrimoine que l'on ne peut pas comprendre vraiment totalement si l'on ne le restitue pas dans la dynamique historique et actuelle des mouvements d'idées, des mouvements de culture, et bien sûr des mouvements des hommes. Ce patrimoine on en a vu seulement quelques aspects, et je suis persuadé qu'il reste beaucoup de chose à faire, à trouver, à identifier, à analyser, à photographier - à ce propos, j'ai souvent apprécié la haute qualité des photographies qui ont été présentées durant ce séminaire -. Il reste donc beaucoup de choses à faire - et nous parlerons peut-être plus tard de ce que nous pourrons faire ensemble ou séparément - mais nous devons avoir présent à l'esprit que tout ce patrimoine n'est rien si nous ne pouvons pas le garder que comme un élément de mémoire.

Et c'est aussi pour cela que je me réjouis que simultanément durant ces deux journées, et en alternance, nous ayons eu des interventions dont les auteurs ont commencé à s'interroger, soit à titre privé, soit à titre public, sur manières possibles de sortir ce patrimoine de son oubli, à agir pour lutter contre les menaces dont il est victime, soit sur le plan physique, soit sur le plan idéologique. Je suis sûr qu'il reste beaucoup à faire, beaucoup à apprendre de l'expérience d'autres

pays, d'autres institutions, et en particulier de la dynamique internationale créée par l'UNESCO, notamment grâce à sa filiale de l'ICCROM, dont, vous l'avez compris, le groupe CRATerre est un des garants sur le plan technologique et méthodologique pour la construction en terre. Mais une fois encore, et c'est la philosophie de l'ICCROM, avoir un patrimoine et le protéger n'est pas suffisant: cette démarche est, doit être de plus en plus indissociable d'une réflexion, d'une pratique contemporaine et prospective, et là encore, je me réjouis d'avoir trouvé dans cette assistance des architectes, des décideurs, des responsables, qui, chacun à leur façon, ont un pied dans l'histoire pour étudier le patrimoine ou le protéger, et l'autre dans l'actualité et l'avenir pour agir et moderniser, pour moderniser cette tradition, l'actualiser.

J'ai été extrêmement sensible au fait que le gouvernement, l'administration portugaise ait choisi le cadre de ce séminaire franco-portugais pour annoncer officiellement son intention de réaliser au Portugal un quartier pilote en terre. Comme Hugo l'a dit tout à l'heure à propos de l'opération que nous avons menée ensemble, elle n'a été possible que grâce à la mise en place d'une vaste synergie des nombreux intervenants. C'est difficile, mais cela en vaut la peine. Ce genre d'opération est indispensable, parce qu'elle permet de cristalliser des énergies, des émotions, des recherches universitaires, des actions médiatiques et autres ... Etant donné que ce mode de construction en terre est marginal, nous avons plus besoin que n'importe qui de créer une action commune.

Je me réjouis donc que dans cette salle, on ait senti en préfiguration vos potentialités et j'espère que sur le modèle de ce qu'on a essayé de faire en France avec CRATerre, vous pourrez vous rapprocher de plus en plus, c'est vital pour vous, à l'échelle régionale ou nationale, pour assurer vos complémentarités, vos informations, vos actions puis au stade suivant, à l'échelle internationale, avec l'Espagne, où il y a aussi, dans les régions, des recherches intéressantes en cours, l'un des membres de CRATerre étant catalan, je le signale au passage.

J'espère que cette synergie, que vous allez créer dans votre pays pourra à son tour s'intégrer dans dynamique européenne dont nous avons besoin à plusieurs niveaux et, en particulier, pour constituer un modèle catégoriquement différent de celui des Etats Unis d'Amérique.

Je ne fais pas d'anti-américanisme primaire, mais Hugo et moi, et d'autres également, avons été désagréablement surpris, et nous le regrettons beaucoup, car l'expérience américaine a été stimulante pour nous et pour le groupe CRATerre, désagréablement surpris parce que cette expérience américaine très importante, depuis 20 ans notamment, dans le sud-ouest, ou au Nouveau Mexique, est marquée par un individualisme forcené. Aux Etats-Unis, pas de centre de recherche, pas d'enseignement de l'architecture en terre. Tout ce que CRATerre a fait en

10 ans, et je le répète, je trouve absolument exemplaire le travail accompli en 10 ans, et sans doute unique au monde par sa diversité et sa qualité, par la modestie de ses collaborateurs, leur désintéressement commercial, tout ce que a été fait par CRATerre les Américains ne l'ont pas fait malheureusement et nous ne pouvons donc pas bénéficier de leur expérience.

Les potentialités très riches qui existent dans votre pays devraient aboutir après plusieurs stades de décantation à la création de liens structurels forts avec l'Europe autour du groupe CRATerre, et avec d'autres pays où l'intérêt pour l'architecture de terre se développe de plus en plus. Je sais que CRATerre est terriblement exigeant et que leur hantise est l'amateurisme, mais je suis sûr, ayant entendu la tonalité de vos communications et découvert leur portée, qu'on trouvera rapidement dans votre pays, à différents niveaux de professions, des professionnels de grande qualité. C'est un sentiment, une intuition forte que j'ai aujourd'hui.

Personnellement, je voudrais définir quelques opportunités de complémentarité entre votre travail individuel, ou par équipe, et celui que j'ai amorcé au Centre George Pompidou et que j'essaye de prolonger dans ce sens. Je vois trois opportunités successives dans les trois années à venir: la première concerne la stratégie que j'applique pour mon exposition dans le monde. Cette exposition je l'ai créée en 1981. Depuis a été présentée dans 23 villes du monde, sur les 4 continents; il y a longtemps qu'elle doit venir au Portugal. Je suis déjà venu deux fois à Lisbonne rencontrer l'architecte Sommer Ribeiro de la Fondation Calouste Gulbenkian, qui s'est toujours montré intéressé, mais n'est jamais passé à l'acte; je dois le rencontrer à nouveau prochainement et j'espère que cette fois-ci sera la bonne. Au passage, laissez-moi regretter que personne de la Fondation ne se soit déplacé pour assister à ce séminaire, quoique formellement invité ...

En Afrique, en Amérique et en Asie, j'ai toujours procédé de la même manière pour la présentation de mon exposition; je déteste, en effet, qu'elle soit présentée à l'étranger telle qu'elle l'a été à Paris, surtout dans les pays où il y a une grande tradition, un savoir faire et une modernité de l'architecture en terre. C'est bien le cas du Portugal. Voici donc ma proposition pour le montage de l'exposition à Lisbonne: comme pour l'Algérie, le Maroc, le Brésil (je cite les pays dans lesquels j'ai réussi à convaincre mes partenaires locaux à compléter mon exposition en organisant eux-mêmes et dans le même esprit un complément national, sur tradition, actualité et avenir de l'architecture de terre locale), je souhaite que vous me fassiez le plaisir et l'amitié de constituer vous-mêmes le complément portugais pour montrer la richesse de votre patrimoine, les restaurations en cours et vos réalisations modernes. J'espère également que l'année prochaine ou dans deux ans, au

moment de la réalisation de l'exposition à Lisbonne, le Ministère des Travaux Publics Portugais sera en mesure de présenter des plans et des maquettes de son ou de ses projets expérimentaux, comme je l'avais fait moi-même, à Beaubourg, en 1981.

Le deuxième volet de notre future collaboration, c'est que j'aimerais que mon livre, dans sa huitième version, soit édité en portugais, l'édition brésilienne étant épuisée depuis longtemps. De même que pour les autres versions, allemandes, anglaises, etc... de cet ouvrage, je souhaite que le travail que j'ai fait constitue le corps du livre, mais que l'on puisse ajouter 30, 40, 60 pages (la Fondation C. Gulbenkian en a les moyens) où l'on rendrait compte, comme dans le cadre de l'exposition, de votre patrimoine, des restaurations et des projets d'une part, et que d'autre part, certains d'entre vous puissent rédiger des textes et les y publier. Comme il faut que je puisse présenter quelque chose de concret à la Fondation Gulbenkian, je demande tout de suite à ceux que cette démarche intéresse, soit en terme d'archéologie, d'histoire, d'actualité, de futur, quelle que soit leur discipline, à ceux donc qui souhaiteraient participer à ce futur livre, de m'en faire part, de m'écrire au plus vite, mon adresse étant simple à retenir: Jean Dethier, Centre Georges Pompidou, Paris. Envoyer moi un courrier en me proposant sommairement ce que vous voulez faire et si possible, joignez un certain nombre de documents graphiques, des photocopies, des dessins, des plans, des duplicates de vos diapositives pour que j'aie des éléments pour convaincre mes interlocuteurs; vous serez, bien évidemment, rémunérés pour ce travail, cités, avec toutes les règles d'usage pour la protection des droits d'auteurs au plus large sens du terme. J'espère donc que nous pourrons ensemble, faire cette synthèse dans laquelle le Portugal trouvera sa juste place.

La deuxième opportunité, je vous rappelle car j'en ai dit quelques mots hier: j'ai donc proposé à la Casa Velasquez à Madrid, antenne du Ministère français de l'Education Nationale en Espagne comme l'est la Villa Médicis à Rome, d'organiser en 92, pour l'anniversaire de la découverte de l'Amérique, un séminaire international qui explorerait sur le plan de l'archéologie, de l'histoire, et en termes d'histoire de l'art, d'architecture, etc ..., comment votre pays et l'Espagne, comment la péninsule ibérique en somme s'est trouvée privilégiée, cas unique au monde, en recevant par Rome et par le monde arabe, deux expressions d'un même savoir faire, celui de l'architecture en terre et comment vos deux pays l'ont transféré littéralement dans le monde entier, en Amérique, en Afrique et même dans le cas de votre pays en Asie. Il me semble qu'il y a là un sujet de réflexion passionnant qui vous resituera dans une échelle d'universalité dont nous avons tous besoin; je vous invite encore une fois, si cela vous intéresse, à m'envoyer un courrier que je transmettrai à la Casa Velasquez.

Et puis, troisième opportunité, celle de nous retrouver - cela va devenir plus que des fiançailles, presque un mariage - lors de l'organisation au Portugal, de la septième conférence internationale de l'I.C.C.R.O.M., conférence qui aurait pour thème l'architecture en terre et pour laquelle la candidature de votre pays va être présentée officiellement; nous pourrons donc nous y retrouver en 93 ou 94. Cela me semble évidemment l'occasion exceptionnelle de mobiliser vos énergies pour qu'il y ait des opérations exemplaires prêtes à ce moment là, non seulement en matière de restauration mais aussi en matière de création moderne de logements et de bâtiments publics, parce que nous l'avons dit et redit, la philosophie de l'I.C.C.R.O.M., c'est de ne pas faire de séparation ni de ségrégation entre l'histoire, l'actualité, et l'avenir. Il me semble en conséquence que vous avez tous les éléments, tous les arguments, pour être le premier pays, lors de cette conférence internationale sur les architectures de terre à ne pas asséner à la tribune seulement de la théorie, mais à montrer concrètement dans les rues de vos villages et de vos villes son application.

Mesdames et messieurs vous avez tous les atouts en main pour faire cette démonstration que nous attendons tous. Merci d'avance, et bravo.

Jean DETHIER